

Historiador vê protesto no suicídio dos caiovás

Rio — A mais recente explicação para o alto índice de suicídio entre os índios caiovás, de Dourados (MS), está causando polêmica nos meios científicos. Ao contrário das versões correntes, ligando o fenômeno à degradação social e urbanização da tribo, o professor de História José Carlos Bom Meihy, da Universidade de São Paulo (USP), afirma que o suicídio é uma forma de protesto dos caiovás contra a civilização branca. "Há um jogo simbólico muito grande e complexo no ritual de suicídio destes índios", disse o historiador.

Ele falou em palestra esta semana, no Rio, para os participantes do Ciclo Saúde, Desenvolvimento e Povos Indígenas, organizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Para o professor, alguns cientistas insistem em ver os caiovás como índios incapazes de reagir à ação cultural dos brancos. "Parece até que nós,

brancos, temos força suficiente para destruir não só a cultura, mas a própria vida deles", ironiza o professor.

Pesquisas revelam que, em seis anos (de 1987 a 1991), foram registrados cerca de 60 casos de suicídio em uma população de aproximadamente sete mil 500 índios guarani-caiovás. O fenômeno atingiu principalmente adolescentes de 10 a 17 anos. José Carlos sustenta, porém, que os números reais são bem maiores do que os divulgados, alegando não existir controle oficial dos casos.

Retorno — Autor de um livro sobre o assunto (*O Canto de Morte Caiová*), José Carlos afirma que a tribo do Mato Grosso do Sul está vivendo uma fase de intensa reelaboração da própria cultura. "Não há recuo, mas confronto", garante o professor. Segundo ele, os índios buscam o retorno às origens ao exigir a adoção da lín-

gua caiová nas escolas, reativar a produção artesanal e trazer rezadores de aldeias caiová do Paraguai para manter vivas as tradições religiosas do seu povo.

Nesse contexto, o professor vê nos suicídios um gesto de resistência. "Eles buscam uma forma cultural de morrer, se asfixiando em árvores, para afrontar os brancos, diz o historiador. José Carlos disse que os caiovás têm horror a sangue e procuram morrer mantendo o corpo íntegro.

A tribo caiová divide com os índios guaranis e terenas uma reserva indígena a dois quilômetros de Dourados, praticamente dentro do perímetro urbano da cidade. José Carlos garante que, ao contrário do que a opinião pública pode estar pensando, a série de suicídios não está aniquilando a tribo. "Na verdade, a população caiová cresceu de cinco mil para oito mil índios nos últimos sete anos.